



As múltiplas representatividades femininas na fotografia de Flora Negri

The Multiple Feminine Representations in the Photography of Flora Negri

Marília Faustino Cruz¹

Maria das Graças Amaro da Silva²

Resumo: A pesquisa analisa as representações femininas na fotografia artística a partir da obra de Flora Negri. Utiliza-se abordagem qualitativa com análise semiótica das imagens, com o objetivo de compreender como o olhar feminino rompe padrões patriarcais e propõe novas narrativas visuais na fotografia contemporânea.

Palavras-chave: Representação feminina; Fotografia artística; Semiótica.

Abstract: This research analyzes feminine representations in artistic photography based on the work of Flora Negri. A qualitative approach with semiotic image analysis is employed, aiming to understand how the female gaze challenges patriarchal patterns and proposes new visual narratives.

Keywords: Feminine representation; Artistic photography; Semiotics

¹ Recém-graduada em Comunicação Social, com linha de formação em Educomunicação, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Estudante do Curso de Especialização em Mídias e Educação pelo Instituto Federal do Sul de Minas (IFISULDEMINAS) e mestranda em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: mariliafaustino088@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, com ênfase em Educomunicação, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora, mestra e especialista em Educação, na linha de pesquisa em Estudos Culturais, Comunicação e Informação. E-mail: maria.amaro@professor.ufcg.edu.br



Introdução

A representação feminina ao longo dos anos foi por muitas vezes construída através do olhar masculino, visto que o campo artístico e os demais campos de conhecimento eram majoritariamente ocupados por homens. Mesmo que as mulheres exercessem a atividade artística, suas obras eram menos catalogadas, expostas e vendidas, seu acesso a educação artística era extremamente limitado, nesse sentido, a representatividade feminina se construiu por meio desse olhar ocidental e falocêntrico, que falava mais sobre suas idealizações do que sobre o feminino de fato.

Com o advento do feminismo, escolas artísticas são criadas apenas para mulheres e elas passam a utilizar a linguagem artística de maneira política, a prática artística passa a se desenvolver numa vertente feminista, algo que não era feito anteriormente (Vicente, 2020). Nesse movimento, as artistas buscam fazer uma arqueologia para conceder voz aos trabalhos de mulheres invisibilizadas e silenciadas, questionam a quantidade de artes feitas por mulheres expostas em museus e democratizam esses debates para além da academia e museus.

A partir desse movimento feminino, com as mulheres por trás das produções artísticas, rompe-se com essa construção falocêntrica de representação feminina e constrói-se um olhar opositor, que é subversivo ao olhar masculino (hooks, 2019). Nessa ótica, as mulheres representam a si mesmas e as outras mulheres, estando por trás das câmeras.

Mesmo na contemporaneidade, os efeitos da idealização dos homens na representatividade feminina permeiam na sociedade, seja por meio de padrões de beleza ou da objetificação do corpo feminino, por isso, a fotografia tem surgido como uma ferramenta política e subversiva que concede voz e visibilidade às mulheres.

Nessa perspectiva, para essa pesquisa se objetiva analisar como se caracteriza a representatividade feminina na fotografia contemporânea a partir do olhar feminino de Flora Negri, através do viés da semiótica, buscou-se compreender os signos que se distribuem na suas fotografias, para entender como a fotógrafa aborda temas ligados ao feminino.



1. Construções Visuais do Feminino nas Fotografias de Flora Negri

1.1 Metodologia

Buscou-se, nesta pesquisa, analisar as múltiplas formas de representatividade feminina construídas por meio da imagem fotográfica, a partir da produção da fotógrafa Flora Negri, destacando como o olhar feminino elabora tais representações na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que segundo Godoy (1995, p. 62), preocupa-se em estudar o mundo empírico em seu ambiente natural, valorizando processos e sentidos atribuídos pelos sujeitos. Já conforme Gil (2002), a pesquisa exploratória busca o aprimoramento de ideias e a descoberta de novas perspectivas, o que orienta a abordagem aqui desenvolvida.

A metodologia baseou-se em levantamento bibliográfico, com o objetivo de aprofundar teoricamente a discussão proposta e embasar a análise. Para o estudo das imagens fotográficas, adotou-se a análise semiótica com base na perspectiva peirceana, que se fundamenta na classificação dos signos em ícones, índices e símbolos. Essa abordagem considera que a fotografia opera como signo e pode ser interpretada por meio de uma gramática visual (Santaella; Nöth, 1998).

O corpus foi composto por três fotografias publicadas por Flora Negri em seu perfil no Instagram, selecionadas a partir de critérios como: a presença de personagens femininas; a representação de diferentes formas de representatividade feminina; e a inclusão de atributos simbólicos associados ao feminino. As imagens escolhidas também dialogam com o conceito de “olhar opositor”, proposto por bell hooks (2019), que se refere a um olhar resistente ao falocentrismo. A aplicação da semiótica peirceana consistiu em identificar e classificar os elementos visuais segundo sua natureza icônica e indicial, e posteriormente, interpretar seus significados à luz da narrativa artística de Flora Negri.

1.2 Representação cultural do feminino

A representação está ligada ao ato de retratar, descrever, trazer à mente algo que pode ou não estar presente na realidade. Para Hall (2016, p. 31), “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”. Nesse sentido,



podemos utilizar diversas linguagens para representar, sendo a visual uma das mais comuns, ainda que as imagens não representam necessariamente algo real.

Historicamente, os homens dominaram os espaços de criação e representação, a mídia, a arte e a literatura foram territórios onde as mulheres foram vistas, mas não como criadoras. Vicente (2020, p. 19-21) questiona: “Porque é que as mulheres puderam ser objeto de criação, mas não criadoras?” A resposta está nos obstáculos impostos: para a mulher era designado o espaço doméstico, a maternidade, a ausência de incentivo e o apagamento de sua produção.

Esse apagamento refletiu em um vazio nas referências de obras criadas por mulheres. No entanto, na contemporaneidade, artistas e pesquisadoras têm se mobilizado para reconstruir uma genealogia feminina na arte. Nochlin (2016, p. 8) indaga: “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, e responde:

A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes (Nochlin, 2016, p. 8).

A manipulação simbólica continua presente, mulheres foram ensinadas a se reconhecer nas imagens idealizadas das revistas, dos filmes e da arte. Como afirma Wolf (2020, p. 397): “Enquanto a definição da ‘beleza’ vier de fora das mulheres, nós continuaremos a ser manipuladas por ela”. No discurso feminista atual, questionar essas imagens é também desconstruir a condenação histórica imposta ao corpo feminino.

1.3 A fotografia feminina contemporânea de Flora Negri

Flora Vieira Negri, nascida na Paraíba e criada em Recife, é fotógrafa, performer e diretora criativa que utiliza a fotografia para contar histórias. Sobre seu trabalho, afirma: “Acredito no poder da imagem enquanto linguagem que nos atravessa e nos conta as mais



profundas e íntimas histórias. Para mim, a fotografia é a ponte para as trocas mais legítimas e bonitas” (Flora, 2021, p. x).

Sua obra articula, de forma recorrente, fotografia e performance, construindo cenas em que o corpo expressa emoções, conflitos íntimos e questões sociais, fazendo da mise-en-scène uma estratégia narrativa. Ao optar por imagens elaboradas e encenadas, reafirma a fotografia como linguagem estética e política; como aponta Esteves (2013), essa abordagem exige atenção aos detalhes e controle sobre o que será exposto ao espectador.

No contexto da fotografia brasileira contemporânea, Flora Negri se insere em um movimento artístico que busca desconstruir estereótipos de gênero e ampliar a representatividade de corpos femininos, especialmente no ambiente digital. Seu trabalho dialoga com debates atuais sobre empoderamento, diversidade e enfrentamento à censura em plataformas como o Instagram, que frequentemente restringem a circulação de imagens de nu artístico, mesmo quando estas possuem caráter estético e não sexualizado.

Trazendo para suas criações referências de outras mulheres fotógrafas como Ana Mendieta e Francesca Woodman, a partir dessas influências, define temáticas que são inerentes às suas fotografias: “O feminino, a natureza, a busca pela desconstrução e reconstrução dos corpos são constantes no meu trabalho” (Flora, 2021, p. x).

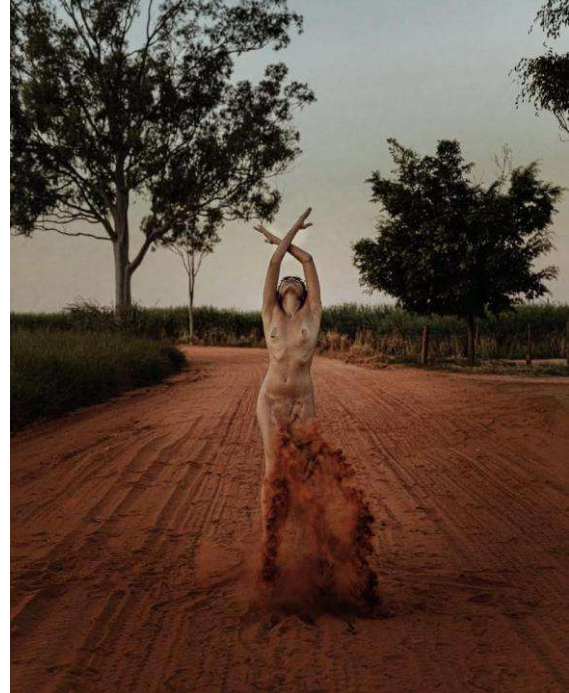
Nesse sentido, a prática fotográfica, além de política, assume também um caráter subversivo. Como afirma Valle (2017, p. 64), “a fotografia, como linguagem, tem o poder de dialogar com o que é subversivo; ela coloca a sujeita que fotografa e aquela que é fotografada como alguém que fala, que existe, um corpo visível, que não se pode ignorar”. Assim, a representação feminina se amplia ao possibilitar que a mulher se reconheça de maneira identificatória nas imagens, construindo uma genealogia feminina.



2. Análise das fotografias

Nessa imagem, observamos a presença da performer centralizada ao meio da paisagem com o corpo despido, seu rosto e braços estão erguidos para o céu em uma posição que denota tranquilidade e entrega; abaixo, têm-se a sensação de movimento através do vento que mobiliza o barro vermelho que se funde em seu corpo, dando a impressão que ela emerge dele, em plena harmonia. Embora a foto seja estática, a movimentação foi congelada na imagem através movimento da terra do barro. Em torno dela vê-se uma estrada de barro, árvores, capins e um céu azul claro que abaixo vai se tornando alaranjado.

Figura 1. Flora Negri, sem título, fotoperformance, 2020



Fonte: Perfil no Instagram @floravnegri.

A escolha do plano conjunto intenciona o desejo de mostrar o ambiente em sua totalidade, a natureza, o ângulo da imagem guia nosso olhar diretamente para a artista, reforçam a exibição do lugar e a importância de cada elemento para a composição. A luz difusa presente na fotografia ressalta a suavidade das sombras, que enaltecem a textura dos elementos presentes na composição.

Prevalecem as cores quentes na imagem, o vermelho-laranja do barro representa a intensidade de paixão, pois assim como o fogo também pode “queimar” e consumir”; o verde escuro representa vida e força, sendo símbolo de vida, oposto do que é morto, seco e sem vida; o azul claro exprime tranquilidade de espírito, sendo a cor de todos os sentimentos bons que não estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua (Heller, 2014).

A composição da imagem, as cores, o ambiente e a posição transparecem a ligação pessoal da artista com a natureza, que assim como Ana Mendieta, utiliza seu corpo para compor em união as simbologias naturais. Segundo Flora Negri (2017) essa necessidade social de trazer



tudo para o sexual e sensual empobrece os corpos, pois o corpo é sensual e sexual, mas também é um bilhão de outras coisas. Logo, a tentativa de trazer o corpo feminino nu para esse lugar de proximidade com a natureza, configura o corpo como matéria natural.

Toda a estrutura de poder que se sustenta no sistema patriarcal influencia diretamente na forma como enxergamos o corpo despido na atualidade. Se refletirmos sobre esse olhar, perceberemos que ele é atravessado por diversos fatores históricos, sociais e culturais, e, em grande medida, ainda se resume à ótica falocêntrica que aprendemos a reproduzir. Os retratos de mulheres nuas, muitas vezes fragmentados, dizem mais sobre a afirmação da sexualidade de seus autores e colecionadores do que sobre as próprias mulheres representadas.

Nesse sentido, nessa imagem, identifica-se a naturalização do corpo nu ao inseri-lo em meio a elementos da natureza, constrói-se, assim, a percepção do corpo despido como parte da própria condição natural para além do sensual e sexual, o corpo é matéria natural, assim como a natureza. E sendo a fotografia uma ferramenta capaz de construir novas representações -ou seja, significações- ela possibilita novas visões sobre o corpo feminino. Esse “olhar opositor” desenvolvido pela fotógrafa desconstrói conceitos como corpo-objeto e analisa outras diferentes simbologias que envolvem esse corpo oprimido.

Figura 2. Flora Negri, sem título, autorretrato, 2019



Fonte: Instagram @floravnegri

Nessa imagem, contempla-se um close entre as pernas e cintura da artista. Este plano é utilizado para enfatizar e enquadrar de maneira mais próxima, mais íntima. Ao centro, no meio



das pernas avista-se uma romã vermelha, que pode representar o útero, há uma malha que é utilizada para representação do corpo na genitália, abaixo da fruta o sangue escorre na parte interna das duas coxas, representando a menstruação.

Próxima das coxas, estão duas mãos ensanguentadas com o mesmo sangue, salientando que não existe repulsa da figura presente com o sangue da menstruação. Na ancestralidade feminina, o ciclo menstrual pode significar renascimento ao finalizar um ciclo e começar outro, o sangue pode representar a vida e morte, mas também a força feminina, quando se trata de menstruação. Nesse sentido, como destacam Mesquita e Paiva (2021), a menstruação é entendida em círculos de mulheres como expressão da noção de ciclicidade, recuperando a ideia de um feminino ligado à natureza e ao movimento natural da lua e das estações, em que o corpo feminino vivencia o ritmo de vida-morte-vida.

O vermelho como uma cor quente, é a cor dominante na imagem. A ação psicológica e simbólica faz do vermelho a cor da força e da vida (Heller, 2014). O plano escolhido atribui realce à fruta no centro, a cor dela e o sangue, o ângulo que centraliza esse objetivo. A luz que surge na lateral direita deixa a parte frontal e central da imagem clara, e do lado esquerdo forma-se uma sombra. A imagem é configurada como autorretrato, que consiste no ato de retratar a si mesmo, esse processo é feito com o auxílio do “time selfie” ou “temporizador”.

Historicamente, a menstruação foi vista como um mal feminino. Acreditava-se que mulheres menstruadas estavam impuras e não podiam tocar pessoas ou alimentos. Depois, a medicina passou a definir o sexo feminino como frágil, com base em argumentos biológicos e anatômicos, reforçando a ideia de que as mulheres eram limitadas por um corpo que sangra e engravida. Assim, a menstruação foi tratada como patologia, e o corpo feminino cercado de tabus, dificultando o entendimento sobre questões femininas.

Na atualidade, falar sobre menstruação é agressivo, ofensivo e nojento. Mostrar imagens com indícios do sangue menstrual merece ser reprimido, censurado, e assim as meninas crescem aprendendo que qualquer rastro de menstruação deve ser oculto, socialmente ensinam que menstruação é anti-higiênico e através desses discursos, as mulheres desconhecem a menstruação como uma condição natural.

Então, nessa segunda imagem, compreende-se através dos signos dispostos na composição outra tentativa da artista de trazer esse olhar de naturalização e ressignificação do



corpo feminino, ao trazer um elemento natural para representar figurativamente o útero, a artista chama atenção para a menstruação como uma condição natural que faz parte da formação dos corpos que possuem esse órgão. Além de ressaltar a analogia entre a menstruação e a força feminina, a ancestralidade, o renascimento e o início e finalização dos ciclos, por meio do sangue contido na imagem.

Figura 3. Letícia Rodrigues, sem título, retrato de Flora Negri, 2019



Fonte: Perfil no Instagram @floravnegri

Na imagem, vê-se uma mulher despida mostrando o corpo inteiro no enquadramento, em um plano médio, sua cabeça está erguida representando orgulho e seus olhos estão fechados, que representam o sentir com intensidade o momento em que ela se encontra, com uma de suas mãos ela segura uma planta de cor rosa e verde. A cor verde representa a vida, a natureza e a esperança; a cor rosa representa ternura, suavidade e beleza, sendo muito utilizada no mundo feminino, todavia, essa cor também simboliza o erotismo e sedução, pois o rosa oscila entre paixão e imoralidade (Heller, 2014).

O fundo preto ressalta a modelo e as cores da planta que elaboram novas simbologias para a fotografia por meio do realce que contempla a figura feminina da imagem em união com a natureza, a planta remete ao crescimento, à renovação, mas também a resiliência, pois



conseguem crescer em situações adversas. A luz utilizada pela fotógrafa, que se direciona pela lateral, ressalta a textura e tridimensionalidade da imagem.

A fotógrafa convida o receptor para o debate sobre padrões de beleza ao apontar seu olhar para um corpo fora dos padrões de beleza hegemônicos. Esse padrão estabelecido entre as mulheres resume-se a um padrão de beleza que é irreal, criado pela indústria para torná-las sempre insatisfeitas consigo mesmas e sempre na busca de um produto que as ajude a chegar mais próximas desse modelo ideal. O conceito de beleza é adaptado de acordo com a conjuntura, no momento atual, o sistema capitalista o constrói.

Além de fortalecer o sistema patriarcal, esse padrão de beleza exclui e oprime mulheres que não se sujeitam a ele. O conceito de corpo-abjeto desenvolvido por Judith Butler diz sobre esses corpos excluídos socialmente, para ela corpos cujas vidas são entendidas como não importantes, cuja materialidade é entendida como não valorosa, são considerados abjetos (Butler *et al.*, 2002).

Os corpos que não seguem os padrões determinados e não performam de acordo com os padrões sociais e binários, se tornam corpos indesejados, abjetos. As minorias, os corpos fora do padrão, essas pessoas marginalizadas são abjetas. Esses corpos que são considerados abjetos passam pelo processo de estereotipagem, ato de definir, categorizar, que faz parte da manutenção da ordem social hegemônica que estabelece o conceito entre “normal” e “anormal”.

Nesta imagem, observa-se a ruptura com o padrão hegemônico e a valorização das múltiplas formas dos corpos femininos, a fotografia revela o orgulho da retratada ao não performar padrões e honrar sua própria corporeidade. Ao romper com estigmas sociais, a imagem ressignifica a marginalização imposta a esses corpos e evidencia o poder da fotografia como ferramenta de consciência política. A fotógrafa desafia os modelos de beleza normativos e atribui visibilidade a corpos historicamente excluídos, trazendo a retratada, de forma subversiva, em posição de afirmação.

Considerações finais

O presente trabalho percorreu a trajetória das representações femininas na arte e, em especial, na fotografia, compreendendo como a opressão e o silenciamento moldaram suas



representações ao longo do tempo. Com a ascensão do patriarcado, o corpo feminino foi moldado sob um olhar externo, masculino, normativo. Entretanto, a arte feminista, surgida com os movimentos de resistência, abriu caminhos para uma narrativa mais plural, onde a mulher não é mais objeto, mas sujeito de sua própria imagem.

Ao escolher Flora Negri como foco desta pesquisa, buscamos dar visibilidade a uma produção artística que propõe outros modos de ver e sentir o feminino. Suas fotografias, marcadas pelo sensível e político, evocam sensações, rompem silêncios e expandem as possibilidades discursivas da imagem fotográfica.

Através da leitura semiótica de sua obra, foi possível perceber como símbolos e composições visuais que carregam significados profundos, capazes de desconstruir padrões arraigados e instaurar novas formas de percepção. Negri propõe uma fotografia que não se limita à beleza, mas que convoca o olhar crítico.

Diante de um cenário histórico que apagou o protagonismo das mulheres, a análise do trabalho de uma fotógrafa contemporânea se torna, além de um ato de resistência, um gesto de reparação simbólica. Reconhecer, documentar e refletir sobre essas produções é também construir uma nova historiografia da fotografia, mais justa, diversa e sensível às multiplicidades do ser mulher.

Por fim, compreende-se que a fotografia, enquanto linguagem visual, no trabalho da fotógrafa se integra como uma linguagem contravisual, por se opor às construções falocêntricas e propor representações reais de mulheres e de minorias sociais. Nesse sentido, a fotografia assume um papel crucial na formação de um olhar crítico sobre gênero e representação, funcionando também como ferramenta artística e pedagógica. Ao estimular uma leitura mais profunda das imagens, esta pesquisa evidencia a importância da fotografia como linguagem comunicativa, capaz de ir além da estética, transmitir mensagens, despertar o conhecimento crítico e contribuir tanto para os estudos de gênero no campo da imagem quanto para o ensino e aprendizagem da leitura visual na sociedade e na comunidade acadêmica.



Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. [Entrevista concedida a] Baukje Prins; Irene Costa Meijer. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 155–167, jan./abr. 2002.
- ESTEVES, Juan. Fotografia: construção ou realidade. In: GONÇALVES, Tatiana Fecchio (org.). **Eu retrato, tu retratas: conjugação entre fotografia, educação e arte**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2013.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **ERA: Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Natureza reencantada: círculos de mulheres, natureza e cultura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2021 Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/12. Acesso em: 17 ago. 2025.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.
- NEGRI, Flora. **DIARIO DE PERNAMBUCO TV. Cultura queer, religião e comércio, Flora Negri**. Youtube, 2017. Disponível em: <https://acesse.one/Vk0Z9>. Acesso em 02/10/2023.
- NEGRI, Flora. DOMESTIKA BRASIL. Fotografia artística: aprende el Retrato e Autorretrato- Curso de Flora Negri. Youtube, 2021. Disponível em: <https://11nk.dev/heC0Q>. Acesso em 02/10/2023.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras LTDA, 1998.



VICENTE, F. L. **A Arte sem história:** Mulheres e cultura artística (Séculos XVI- XX). Lisboa: Athena (babel), 2012.

VALLE, Isabella C. B. Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas:** resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.